

Uma opinião sobre opiniões

Em resposta:

Senti na pele as palavras proferidas pelo meu/nosso estimado Sr. Professor João Caupers. Confesso que, desde há muito tempo, tenho a infelicidade de ser um ferrenho adepto das suas *opiniões*, pese embora o seu *estilo transparente e demasiado sincero* (como se isto fosse algo negativo...). Agradeço o seu contributo para a formação das minhas *opiniões* (científicas, sociais, “mundanas”, etc.). Aproveitando o mote deixado, é exactamente sobre as *opiniões* e os “*acho(s)*” que eu gostava de dedicar as próximas linhas.

Sempre ouvi dizer que os gregos *achavam* convictamente que o *conhecimento é equivalente a opiniões verdadeiras e justificadas*¹. Aqui entre nós (ninguém nos ouve), os gregos sempre gostaram de *achar* e *opinar* bastante. Todavia, subitamente – e sem motivo aparente –, cansaram-se². Tenho, no entanto, algumas dificuldades em *achar* correcta aquela *opinião* sobre a epistemologia. Passo a explicar.

Uma *opinião*, qualquer que seja o seu conteúdo, nunca deixa de ser um *juízo subjectivo*: cada um *acha* o que *acha* (e pronto!), independentemente da *qualificação valorativa* quanto à natureza das coisas. A *qualificação valorativa* das *opiniões* como *verdadeiro* ou *falso* é algo que é externo à subjectividade da *opinião*: a *verdade material* – e não meramente lógica – existe independentemente das *opiniões* proferidas acerca dela. Verdade seja dita, o *conhecimento* só se formula com *declarações verdadeiras e justificadas*, nunca com *juízos opinativos*.

Por vezes, quando tento transmitir uma *opinião*, tenho dúvidas se começo directamente pela conclusão final, ou se, por outro lado, vou paulatinamente desenhando as premissas – numa espécie de *maiêutica musical*. Hoje, *acho* preferível dizer o que *acho* desde já: *a exteriorização de uma opinião não é um acto altruísta (assim fosse...), mas sim uma manifestação de poder*.

Sejamos sinceros: se uma *opinião* nada mais é do que um juízo subjectivo sobre um facto, para quê transmiti-la? Não altera a natureza das coisas, não contribui para o desenvolvimento tecnológico-científico³, não reduz o CO₂ da atmosfera, não cura a fome no mundo, nem tão-pouco *limpa* as dívidas soberanas... Então, pergunto-me: porque é que o ser humano tem a necessidade de transmitir *opiniões*. Se olharmos para a

¹ Decerto que os leitores estavam agora ansiosos por uma citação: não a farei – é um facto do conhecimento geral (relembro que “sempre ouvi dizer”).

² É pena, hodiernamente seria crucial *acharem* a cura para o seu endividamento externo.

³ O progresso das ciências naturais faz-se através de *declarações* e não de *opiniões*. Só algumas ciências humanas (genericamente falando) se podem *envergonhar* da sua construção dogmática meramente opinativa.

nossa actividade opinativa, facilmente chegaremos à conclusão de que ela consagra não menos do que 85% de toda a nossa actividade comunicacional.

É ego! Só pode... É aquela sensação do poder de argumentar – *achar* algo e tornar *submissos* os receptores da *opinião*. Até houve grandes mestres das *opiniões* (*rectius*: filósofos) que já *opinaram* sobre isto⁴.

Mas ao mesmo tempo há algo de instintivo e natural no processo de emissão de *opiniões*: o combate joga-se pela *lei do mais forte*. No debate opinativo ganha quem fala mais alto e em português mais eloquente (e não ousado...), mas ganha, outrossim, quem consegue impingir a sua ideia, independentemente da verdade material associada à mesma ou dos factos que subjazem a esse juízo.

Posso achar – e acho – que o *Jardim da Madeira* nada mais é do que um “*Yellowstone financeiro*”; posso achar – e acho – que Sócrates (o José...) nunca será filósofo; Posso achar – e acho – que um instrumento jurídico não deve forçar a evolução dinâmica de uma língua, seja ela qual for; posso estar aqui a despejar “*achares*” porque tenho a *arma* na mão (quase-parafraseando o “*achar*” do Sr. Professor João Caupers) e porque os leitores se encontram *momentaneamente submissos* a esta *opinião*. E depois? O que vão estes meus “*achares*” ou “*achos*” contribuir para um mundo melhor? Nada. Absolutamente nada. A discussão de ideias e de *opiniões* não passa de uma brincadeira e, como disse, uma manifestação de poder.

E atenção: falo contra mim – sou o primeiro a assumir isso.

No entanto, sou um fã dos filmes de Hollywood – gosto de um *clássico happy ending*. Por isso, *acho* que há um lado positivo na troca de ideias e de *opiniões*. Em primeiro lugar, põem o cérebro a funcionar; em segundo lugar, são um meio de socialização; e em terceiro lugar, algumas *opiniões* fazem rir, contribuindo para um bem-estar genérico.

Mas no final da história temo em assumir que *opinar é humano*.

Neste sentido, e porque não quero forçar-me a algo que é *contra-natura*, continuarei a emitir as minhas *opiniões* (sempre que *achar* conveniente), tal como me sinto preparado para continuar a ficar *momentaneamente submisso* às *opiniões* dos demais emitentes. *Acho*, isso sim, que é um erro profundo *deixar de “achar”*. Pelo menos, é isto que eu *acho*...

Miguel Calado Moura

Lisboa, 1 de Outubro de 2011

⁴ Vg. ARTHUR SCHOPENHAUER, *Die Kunst, Recht zu behalten: In achtunddreißig Kunstgriffen dargestellt* (1831).